

***Percurso entre a Serra e o Rio***





Entre a serra e o rio decorre este percurso pelo concelho. É um misto de história e natureza. Se, por um lado, vai ter oportunidade de visitar aldeias históricas como Fonte Arcada e Ferreirim, por outro, poderá apreciar como o Rio Távora moldou, ao longo dos anos, a paisagem das povoações ribeirinhas. No alto da serra, onde se formaram miradouros naturais de rara beleza, as capelinhas esbranquiçadas, a que as respectivas povoações dedicam festas majestosas, velarão pelo nosso passeio.

Partamos, então, da sede do concelho, rumo a **Chosendo**. Passamos pela Sarzeda, Seixo, e, por entre soutos de castanheiros e boas quintas de cultivo pousadas à beira da estrada, chegamos à Quinta das Olgas. É um povoado anexo de Chosendo, constituído por não mais de meia dúzia de habitações. A nossa paragem aqui é quase obrigatória devido ao “barulho” do tear de D.



**Irides Amante**, a **tecedeira** que exerce movimentos compassados no seu instrumento de trabalho para produzir colchas de linho e algodão, sacos para o pão e panos decorativos de elevado requinte. Despedimo-nos da simpática senhora e seguimos o curso da estrada. É para um lugar de aspecto pedregoso que nos encaminhamos. Posicionado entre o cabeço de Santa Bárbara e a Cova da Moura, ramificando-se pela Serra da Zebreira, Chosendo orgulha-se de exhibir as suas habitações tradicionais, as suas fontes, o conjunto de **sepulturas**





**antropomórficas** e os vales onde se desenvolvem as culturas agrícolas. Fecundado pelo **Ribeiro de S. Miguel**, que entra no Távora mais adiante, o vale começa no ponto mais alto da aldeia, de onde se avistam as Serra da Estrela, Lapa, Caria e Borralheira. É de lá que a **Capela de Santa Bárbara** protege os habitantes locais das trovoadas. No centro da povoação de Chosendo, encontramos a bonita igreja matriz dedicada a **S. Miguel**, rodeada de casas rústicas de cantaria enegrecida pelo tempo e de uma bonita e colorida fonte de repuxo em granito. O **Senhor do Calvário**, venerado



no terceiro domingo de Agosto, é o padroeiro da freguesia. A viagem prossegue agora para Ferreirim.

**Ferreirim** é uma terra povoada de olivais e vinhas. O vale onde se posiciona é fértil e adaptado à agricultura, sector que ocupa grande percentagem da população. Já no tempo de D. Sancha Vermuiz, que deu foral a Fonte Arcada em 1193, Ferreirim, na altura freguesia daquele concelho, era a mais desenvolvida. Em 1855, ingressaria definitivamente no concelho de Sernancelhe, mas sem nunca perder o sentido comunitário dos seus habitantes, assim como os extensos terrenos, fundos e adequados à cultura de batata e milho. Hoje, tende a abraçar o sector secundário, como exemplificam as pequenas indústrias de mármore, granito e madeiras, mas preserva bons exemplos da preponderância de outros tempos. Por entre alguns edifícios de traça requintada, antigos e brasonados, sobressai a **Fonte Românica**, classificada como Imóvel de Interesse Concelhio. O elegante **Santuário de Nossa Senhora da Consolação**, é motivo de festa rija no 3º domingo de Agosto. A **Igreja Matriz de Santo Estêvão**, do século XVII, de granito





amarelado e situada em lugar harmonioso, convida a uma visita. Existe ainda um **Marco da Universidade de Coimbra**, um **Cruzeiro de Templete** e várias **alminhas** que coexistem com desordenados muros de pedra. Mesmo no fundo da povoação descobrimos o conjunto escultórico que as mãos dos artistas do granito da região criaram em homenagem aos 20 anos da Banda Musical 81 de Ferreirim. É o seu cartão de visita. Contornamos a rotunda e voltamos para trás, até ao cruzamento para Macieira. É lá a nossa próxima paragem.

Percorremos cerca de três quilómetros em estrada de asfalto, por entre culturas de sequeiro, pigmentadas, aqui e ali, por batatais em flor e soutos de ramos derreados pelo peso dos ouriços. À nossa direita percebemos que a **Serra da Zebreira**, posicionada a perto de 1000 metros de altitude, acompanha a nossa deslocação. É ela quem, silenciosa mas imponentemente, guarda no seu seio a pequena povoação de **Macieira**. Foi ela quem, no tempo do Concelho de Fonte Arcada, serviu de pousio a diversas fortalezas, em volta das quais se terão travado importantes lutas entre cristãos e

árabes. Sem edifícios nobres, Macieira cativa pela singeleza do seu casario granítico, sombrio e pesado, voltado para os temporais de norte. As ruas são tortuosas e íngremes. Percorrendo-as, descobrimos a arquitectura rural que tão bem caracteriza esta aldeia de gente laboriosa e humilde. Encontramos também fontes de água fresca e límpida de onde sobeja água em quantidade para formar um ribeiro, que é engrossado por outro, o Vidual, e se encontram no Távora, em Riodades. Perto deste curso de água, a bonita imagem dos **pombais** torna-se mais



real. São dois exemplares da economia local, que merecem ser salvaguardados e, quem sabe, aproveitados para fins lúdicos. Ao lado, em terreno plano, alimentam-se os jumentos, precioso meio de transporte de produtos agrícolas para a aldeia. Os habitantes mais idosos, sempre disponíveis para dois dedos de conversa, não descutam as orações diárias na **Igreja Matriz**, dedicada a Nossa Senhora da Apresentação. O local onde está situada é deslumbrante, permitindo apreciar os limites da Beira e os princípios do Douro. Descendo algumas ruas, por entre casas povoadas de árvores de fruto e silvas derreadas de amoras, chegamos ao **Solar e à Capela de S. Domingos**, datados do século XVIII. Com a imagem do vale onde se desenvolvem as pequenas hortas, despedimo-nos de Macieira. Percorremos alguns quilómetros, com serra como presença constante, passamos por Riodades, concelho de São João da Pesqueira, e



chegamos a Escurquela, a nossa próxima paragem.

Assente no retábulo paisagístico que assinala a transição formal da Beira para o Douro, **Escurquela** situa-se num pico de onde se “divisa um extenso panorama, limitado ao poente pelas linhas indecisas e vagas do Marão, ao sul pelo vulto da Serra da Estrela, esfumada sempre pela distância como se a envolvesse perpetuamente densa neblina” (Abade Vasco Moreira, 1929). É realmente impressionante a paisagem a partir deste ponto. Graças ao seu posicionamento, a aldeia serviu de esculca (vigia) ao Castelo de Sernancelhe, enviando sinais nocturnos (facho a arder) sempre que o inimigo se aproximava. A importância histórica de Escurquela ficou



comprovada quando, há alguns anos, ali foi descoberto um precioso **machado neolítico**. Uma ida ao **Outeiro de Santiago** é obrigatória. Diz a lenda que naquele rochedo saltava Santiago, com o seu cavalo, para acudir aos cristãos nas lutas com os mouros. As ferraduras do cavalo ficaram marcadas na rocha, mas também pela paisagem vale a pena subir ao monte, onde existe a **Capela de S. Tiago**, igualmente repleta de tradições. Descendo até à povoação, entramos na **Igreja Matriz de S. Domingos** e apreciamos o tecto pintado no século XVIII. No adro, encontra-se ainda a **Casa dos Tenentes**, a setecentista fonte de mergulho e um solar provinciano com um bonito brasão e capela. Igualmente bonito é o **Cruzeiro de Templete** com a imagem do Nosso Senhor dos Aflitos (séc. XVIII), erguido ao lado do adro. Escurquela, a freguesia mais distante da sede do concelho, é uma caixinha de surpresas. A paisagem, que reconforta



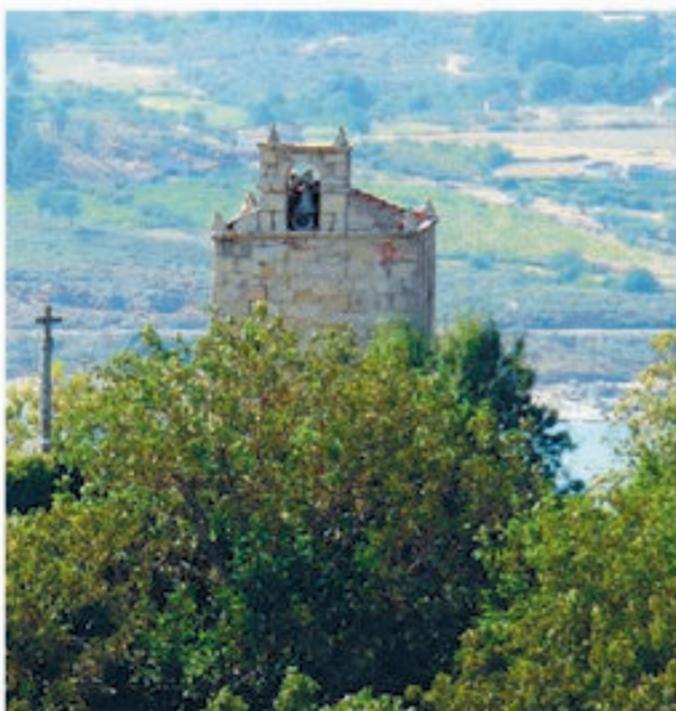
de qualquer ponto de observação, acompanha-nos até Fonte Arcada, por entre vinhas e pomares, aproveitando os socalcos que a inclinação da encosta originou.

Por uma estrada marginal ao Rio Távora, chegamos ao cimo da povoação de **Fonte Arcada**, a aldeia que deve o seu nome à **fonte** em arco ogival (séc. XIII ou XIV) que se encontra no sítio da Cova da Moura, e foi sede de concelho durante sete séculos. D. Sancha Vermuiz concedeu-lhe foral no ano de 1193 e estavam sob sua administração as freguesias de Freixinho, Ferreirim, Macieira, Escurquela, Chosendo e Vilar (hoje pertencente ao concelho de Moimenta da Beira). Por causa deste estatuto, a vila atingiu alto grau de prosperidade, como demonstram os seus solares medievais e os monumentos. Coutinhos e Gouveias foram algumas famílias ilustres que aqui se implantaram. Porém, foi no século XVII, quando Fonte Arcada tinha juiz, tabelião, escrivão, almotacés e sargento-mor de ordenanças, que surgiram os melhores solares: dos **Condes da Azenha**, dos **Couraças** e dos **Brigadeiros**, com terreiro murado e portão com escudo das famílias. A importância administrativa de Fonte Arcada está ainda hoje bem presente no **Pelourinho**, na **Torre do**





**Relógio**, no cerro do **Castelo** e na **Casa do Paço ou Casa da Loba** (séc. XIII). A contrastar com a nobreza, o povo distribuía-se pelo casario típico em granito amarelado de boa cantaria, onde coexistem maciços



balcões de pedra com bonitas varandas de madeira. No **Largo do Rossio**, os fontercadenses acorrem à **Igreja** românica, do século XIII, que se desenvolve em planta longitudinal composta por nave, capela-mor, capelas laterais e sacristia. O culto é ainda hoje um marco de Fonte Arcada, sendo a sua festa, dedicada à **Senhora da Saúde**, a segunda maior romaria do concelho de Sernancelhe. Situado no miradouro de onde se avista o rio Távora, o Santuário está enquadrado num espaço composto por recinto de feira, parque de merendas e coreto. Para lá chegar, sobe-se por uma calçada escorregadia e pedregosa. A mesma calçada por onde os bois puxam os carros armados de andores em dia de festa e os Zés-pereira fazem ecoar os seus tambores. A aldeia de Faia é o nosso próximo destino. A viagem permite-nos uma incursão por Vilar, onde atravessamos o rio no paredão da Barragem. Seguimos o curso do Távora, como se caminhássemos para a sua nascente, e tentamos perceber o quanto terá mudado esta paisagem por causa do aparecimento da albufeira do Vilar.

A **Faia** é, do grupo das aldeias ribeirinhas, a que mais deve a sua história recente à vontade do homem em represar as águas do rio e delas retirar energia. Na década de 60, Faia teve de fugir das margens e deslocar toda a povoação para o monte. Debaixo de água ficaram os solos mais produtivos e o conjunto de **sepulturas escavadas na rocha**, que denunciam a antiguidade da aldeia. A **Igreja de São Martinho** também não passou ao lado da construção da Barragem e teve de ser erguida no alto, fazendo-se rodear de pequenas habitações em





granito que serviram de albergues aos funcionários da EDP que aí trabalharam. Passado o sobressalto, a população procurou novas parcelas para cultivar e construiu mais longe

do leito do rio. Recente, mas também sinal do aproveitamento dos recursos naturais, é a **zona de lazer**, bem enquadrada paisagisticamente. Mais longe das águas, num pe-

## O REI CHIQUITO

Era ele um homem rico, mas turbulento, irrequieto. De génio feroso, um político exaltado e faccioso, foi sempre muito dado a discórdias. Como quem semeia ventos colhe tempestades, achou-se em certa ocasião envolvido em tenaz luta com seus vizinhos. Os seus inimigos, coadjuvados pelas autoridades, determinaram prendê-lo. Os baleguins um dia assaltaram-lhe a casa de improviso, remecheram tudo, mas não encontraram a quem prender. Afastados estes, e indo já longe, cabisbaixos, ouviram gritar dum janela:

"Rei Chiquito já cá está.  
Quem quiser que volte cá"

Era ele...

E os esbirros voltaram de novo, agora mais contentes na certeza de apanharem o homem; mas as buscas repetiram-se sem resultados, até que desanimados se retiravam, para lá ao longe ouvirem de novo gritar das janelas, como um sarcasmo terrível:

"Rei Chiquito já cá está.  
"Quem quiser que volte cá"

A cena repetiu-se: mas os esbirros, desanimados de prenderem o Rei Chiquito, não mais invadiram a Casa da Torre, embora continuassem a ouvir das janelas o som da sua voz, repetindo as mesmas palavras cruéis. E lá se foram e ele ficou em paz. Ajunta a tradição que rico-homem havia construído um subterrâneo numa das lojas que ia sair a um soito, à distância, por onde se evadia a observar, dentre o mato, a retirada dos oficiais de justiça; e por esse subterrâneo voltava à Casa da Torre".

Abade Vasco Moreira in Terras da Beira - Cernancelhe e seu Alfaz, 1929



queno monte pejado de pinheiros e oliveiras, situa-se a **Capela do Senhor da Aflição**. Na **Quinta da Alagoa**, hoje repleta de pomares, ainda se pode apreciar o local onde terá nascido a lenda do **Rei Chiquito**.

Prosseguimos a nossa viagem pela Estrada Nacional 226, com destino a **Freixinho**. São cerca de dois quilómetros até ao povoado, famoso pelas suas **Cavacas**, pelo bom



vinho e pelo azeite de excelente qualidade. É outra das aldeias vizinhas do Távora que muito se alterou com a subida das águas depois do enchimento da barragem. A população, privada das melhores parcelas agrícolas e pomares, deslocou-se para o **Monte Gordo**, onde plantou videiras e oliveiras. Com a margem direita do rio mantém hoje uma relação cordial, onde construiu inclusive uma moderna zona de lazer, equipada para proporcionar momentos de diversão. Mas a história de Freixinho é a história do **Recolhimento de Nossa Senhora do Carmo**, hoje hotel rural. Fundado em 1704 por João de Gouveia Coutinho, escapou à devastação das invasões francesas, não resistindo, contudo, ao período conturbado de 1910, que levou à sua confiscação.





As religiosas foram expulsas e, com o desaparecimento do Recolhimento, as classes humildes da freguesia perderam um importante auxílio para a sua vida educativa, religiosa e social. Entretanto, já as saborosas Cavacas de Freixinho tinham transposto os muros da cerca e granjeado admiradores pelo país. Freixinho é uma aldeia onde a Igreja Matriz de S. Miguel Arcanjo, construída no século XVI, sobressai do conjunto

do edificado. É constituída por duas capelas interiores: a de **Nossa Senhora da Conceição** (fundada pela família Cunha); e a de **S. José** (fundada pela família dos Soutos). Do largo da igreja, preparamo-nos para voltar à estrada nacional. Em cima da Ponte de Freixinho vale a pena parar e admirar a calma do Távora, precisamente no local onde o Açude do Távora represará as águas durante todo o ano, tendo em vista o turismo de verão, mas também a agricultura, a floresta e a prática desportiva. Em tempos, o rio não foi tão pacífico e engoliu a Ponte do Pontigo, a única travessia que garantia a regularidade das trocas comerciais entre Feixinho e Penso.

Vamos agora em direcção à **Vila da Ponte**, a freguesia conhecida como Pérola do Távora, e que deve o





seu nome a uma antiga ponte de cantaria que ali existiu. Abrigada pelos montes da Borralheira e Gordo, a aldeia é conhecida pelo bonito **Santuário da Senhora das Necessidades** e pelo aproveitamento que as suas gentes tiram do rio, principalmente a nível gastronómico. Os restaurantes da aldeia reservam grande espaço nos seus menus para os petiscos à base de peixinhos do rio. Ocupada pelos romanos, paróquia cristã durante a Idade Média, Vila da Ponte ganhou o estatuto de Vila em 1661, tendo-lhe sido atribuída **Câmara, Casa da Cadeia e Pelourinho**. O facto levou ao aparecimento da fidalguia. Gouveias, FONSECAS, Rebelos, Almeidas, Leitões, Cardosos e Lucenas ergueram aqui as suas casas. Não surpreende, portanto, quando, numa qualquer esquina, nos deparamos com construções espaçosas e elegantes, ostentando riquíssimos brasões. O **Largo da Praça** evidencia a importância administrativa de outrora. Contudo, as invasões francesas marcaram muito Vila da Ponte. As tropas de Napoleão permaneceram aqui três meses, transformando a Igreja em depósito de munições de guerra. A vila perderia também o seu estatuto em 1855, integrando definitivamente o concelho de Sernancelhe. Dentro da povoação há várias capelinhas que espelham a devoção das gentes de Vila da Ponte. A de **São Sebastião** é uma das mais antigas e



curiosas por ter na sineira lateral um santo de pedra. **Cardia** e **São Roque** são duas das localidades anexas de Vila da Ponte. Cardia é muito interessante por se situar em cima de uma enorme laja, A mesma que foi “palco lendário de danças de feitiçeiros e de piruetas de lobisomens”. O que propomos para finalizar este percurso é subir ao monte da Senhora das Necessidades. Aprecie este panorâma simplesmente único e deslumbrante. Contemple o pôr do sol a partir deste miradouro e constate a beleza do lugar.





## SENHORA DAS NECESSIDADES, A PROTECTORA DA VILA DA PONTE

Do cimo do monte da Borrallheira, ensombrado por pinheiros e castanheiros, desfruta-se de um panorama raro, com o Rio Távora a banhar a aldeia e os montes circundantes. É um dos miradouros mais fantásticos do concelho e acolhe um dos Santuários mais completos e interessantes da região. Nossa Senhora das Necessidades é ali venerada a 15 de Agosto de cada ano. Em redor da capela, que guarda vários exvotos, destaca-se a Casa do Ermitão (que guardava as esmolas dos fiéis), a capela dedicada a Nossa Senhora do Encontro, a Casa dos Milagres, a Casa do Enxadão, a zona de convívio, o altar das missas campais no morro do Calvário e a Via Sacra dos Débeis. Um espaço interessante, onde pode fazer um piquenique, passear por entre matas de pinheiros, ou tão somente descansar...

